



A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NA REVISTA EXAME

THE REPRESENTATION OF CONTEMPORARY BRAZILIAN INDIGENOUS IN THE HEGEMONIC MEDIA: CONTENT ANALYSIS IN EXAME MAGAZINE

Sandra Penkal¹

Universidade Paulista UNIP²

Resumo: O artigo analisa como o povo indígena do Brasil é representado na mídia hegemônica brasileira, a partir das edições de junho 2017 a junho de 2018 da Revista Exame³. O objetivo é mostrar como essa mídia se apropria do imaginário indígena por meio de procedimentos discursivos, constrói uma representação simbólica e o desfigura. O método apoia-se na análise de conteúdo de Bardin e nas proposições teóricas de Pross e de Romano. Conclui-se que a Ecologia da Comunicação é um caminho para a garantia das referências sócio culturais da população indígena brasileira, pois tal narrativa tende a esvaziar e estereotipar a identidade do indígena brasileiro, gerando uma perda comunicacional.

Palavras Chave: Indígena brasileiro; Revista Exame; Ecologia da Comunicação, Análise de Conteúdo.

Abstract: This paper focus on how the indigenous people of Brazil are represented in the Brazilian hegemonic media, from the June 2017 to June 2018 editions of Exame Magazine. The objective is to show how this media appropriates the indigenous imaginary through discursive procedures, constructs a symbolic representation and disfigures it. The method is a Bardin's content analysis based and on the theoretical propositions of Pross and Romano. Concluded that the Ecology of Communication seems to be a way to guarantee the socio-cultural references of the Brazilian indigenous population, since such narrative tends to empty and stereotype the identity of the Brazilian indigenous, generating a loss of communication.

Keywords: Brazilian Indigenous; Exame Magazine; Communication Ecology, Content Analysis

¹ Sandra Penkal. Universidade Paulista UNIP, Doutoranda em Comunicação da Universidade Paulista, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP, Brasil, sandrapenkal@gmail.com

² Universidade Paulista UNIP -Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP

³ Revista Exame, Editora Abril. <<https://exame.abril.com.br/>>.

Tema Central

Este artigo tem por tema a representação do povo indígena brasileiro pela Revista Exame, da Editora Abril, discute-se a maneira que a mídia hegemônica se apropria do imaginário indígena e constrói uma representação simbólica, conferindo determinada significação aos processos comunicacionais.

Observa-se na análise das narrativas verbais e visuais, o apagamento das referências indígenas, humanas, culturais, substituídas por uma referência genérica aos territórios, suas valorações, suas posses, seus usos. Estrutura-se aqui uma reflexão em torno do poder simbólico a partir da implantação de formas simbólicas. As corporações, órgãos privados e governamentais, agindo ou não em parceria, se apropriam do poder simbólico para o reconstruir, direcionar, buscando dar legitimidade a seus discursos e posicionamentos. A mídia hegemônica se apodera de um arcabouço comunicacional reducionista do índio, da ausência de sustentabilidade cultural e do aniquilamento desse povo na história e na essência multicultural do Brasil. O artigo traz como *corpus* edições de junho de 2017 a junho de 2018 da Revista Exame, para a verificação dos fenômenos comunicacionais.

Objetivos e enfoque metodológico

- Ratificar alguns processos de apagamento, deslocamento ou distorção da informação a respeito dos indígenas brasileiros no veículo jornalístico estudado (revista Exame), processos esses que ocorrem em camadas menos objetivas da comunicação, podendo-se dizer, de forma indireta;
- Evidenciar também como essas deformações servem a determinados grupos, encaminhando posicionamentos político-sociais de ataque simbólico aos povos indígenas, suas culturas e territórios, sob as vestes supostamente isentas, transparentes, do âmbito do meramente informativo;
- Por meio de um conjunto de fundamentos individualizando nesta metodologia, a matéria prima com que trabalha, assim como os diferentes objetivos que pode enfocar, proporciona-se uma descrição de um conjunto de passos segundo os quais pode ser

concebida e aplicada. Sobressai, neste sentido, a categorização, descrição e interpretação como passos basais desta metodologia de análise.

- O método apoia-se na análise de conteúdo de Laurence Bardin e nas proposições teóricas de Harry Pross e de Vicente Romano.

Caracterização do estudo e discussão teórica proposta

Na chamada *era da informação*, cabe-nos observar que essa informação quase nunca é apolítica, e carrega interesses e perspectivas que não são expostas em sua totalidade ideológica, mas procuram operar em modo mais suave, construindo imagens e formas de entendimento paralelas, veladas, comunicando e dizendo não simplesmente pelo que é dito e mostrado efetivamente no texto e nas imagens, mas também pelo não dito, pelo não expresso, por meio de decisões editoriais de forma e conteúdo, do que dizer e do que não dizer, desta ou daquela maneira, e que muitas vezes passarão despercebidas ao leitor menos avisado.

Neste contexto, optamos por apresentar uma metodologia de análise de dados qualitativos, amparada em determinadas proposições de Laurence Bardin⁴, comumente chamada análise de conteúdo, e trabalhar com as proposições teóricas de Harry Pross⁵ e de Vicente Romano⁶

Princípios, resultados, reflexões, conclusões

Ainda a partir de Pross, cabe lembrar que “os sistemas simbólicos não são apreensíveis por meio de conceitos ou descrições discursivas, mas surgem como imagens na consciência de seus intérpretes” (1974, p. 111), o que também implicaria que parte do poder simbólico se realiza não apenas no embate entre narrativas, entre grupos sociais distintos, mas especialmente na leitura acrítica por indivíduos dentro de um mesmo grupo.

⁴ Laurence Bardin: Professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V- Análise de Conteúdo.

⁵ Harry Pross: jornalista e publicitário alemão (nascido em 2 de setembro de 1923 em Karlsruhe)

⁶ Vicente Romano: ROMANO, V. Ecología de la comunicación. Argitaletxe, S.L., 2004.

Parte do confronto e da composição das forças sociais se dará então, no nível simbólico, por meio de narrativas deste e daquele grupo, o que envolverá a interação permanente de agentes e sujeitos de todos os grupos envolvidos, em graus e qualidades diversas de alcance e de consciência desses processos.

Figura 1

MATÉRIA 1 – Alemanha e Reino Unido injetam US\$153 mi na Amazônia



Fonte: <<https://exame.abril.com.br/brasil/alemanha-e-reino-unido-injetam-us153-mi-na-amazonia/>>

Nesta matéria, desde o título, coloca-se em pauta o valor financeiro dos investimentos estrangeiros na preservação da floresta brasileira, e embora a ação possa ter aspectos positivos, a matéria não faz qualquer referência mais aprofundada aos povos indígenas que vivem na Amazônia, aos possíveis impactos que tais ações podem implicar, assim como a questões culturais. Do mesmo modo, a foto mostra o “território”, ou seja, a coisa, a mercadoria, o bem material, que lentamente é negociado, precificado.

Figura 2

MATÉRIA 2 - 118 indígenas foram assassinados no Brasil em 2016



VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - São Paulo – 2018

Fonte: <<https://exame.abril.com.br/brasil/118-indigenas-foram-assassinados-no-brasil-em-2016/>>.

Em outra matéria, o destaque vai para o número de indígenas assassinados no Brasil em 2016, mas a manchete não entrega a tragédia de números ainda maiores como os de crianças mortas antes de completar cinco anos de idade, por desnutrição e outras causas, ou de índios que se suicidaram no mesmo período. Do mesmo modo, a morte dos indígenas, anotada apenas por números, não parece suficiente para lhes conferir um nome ou uma história. Na foto, o índio em primeiro plano, exótico, mais estrangeiro que os investidores da primeira matéria, é também representado de forma genérica, sem identidade. Ao fundo, a cidade com suas luzes, edifícios e uma grande avenida. A matéria aponta a existência de um site em que são mapeadas ocorrências da violência contra os povos indígenas, Caci – Cartografia dos Ataques Contra Indígenas, mas (ao menos até nosso acesso, em 11/12/2017) esquece de mostrar o link.

Figura 3

MATÉRIA 3 – PF desmonta esquema de exploração ilegal de madeira no Pará



Fonte: <<https://exame.abril.com.br/brasil/pf-desmonta-esquema-de-exploracao-ilegal-de-madeira-no-para/>>

Numa terceira matéria, faz-se um breve relato sobre um caso em que a madeira em território indígena era desviada de forma ilegal por um “grupo empresarial”, e informa-se que quarenta policiais cumpriram dez mandados de condução coercitiva, onze de sequestro de bens e seis de busca e apreensão. Dos índios, de cujo território eram levadas as árvores, pouco sabemos além do nome do local. A foto também não diz muito, talvez apenas sobre a aparente obrigatoriedade de vincular o texto a alguma imagem. A matéria informa, segundo laudo da PF,

que o esquema teria sido responsável por dano ambiental no valor de “mais de 897 milhões de reais”, quase como se se tratasse de uma operação bancária. No contexto da revista, parece natural traduzir danos ambientais em valores financeiros, mas o dano ambiental vai muito além. O dinheiro, mesmo que recuperado, nunca restituirá a floresta, nem aos índios nem a quem quer que seja.

Figura 4

MATÉRIA 4 – Funai e MPF apuram suspeita de assassinato de índios no AM



Fonte: <<https://exame.abril.com.br/brasil/funai-e-mpf-apuram-suspeita-de-assassinato-de-indios-no-am/>>

Na quarta matéria, garimpeiros são suspeitos de terem matado grupo indígena, após terem sido “vistos no município de São Paulo de Olivença conversando sobre o suposto massacre”. Segundo a matéria, os garimpeiros foram detidos para depoimento, mas “não confirmaram as mortes e, até o momento, nenhuma prova material foi encontrada”. Para além de certa estranheza na simplicidade do relato de que os garimpeiros “não confirmaram as mortes”, a matéria segue dizendo que “os supostos alvos do ataque habitam a região do Rio Jandiatuba...” e mais adiante, que nesse episódio vinte índios, “chamados flecheiros [...] foram assassinados. E [...] corpos foram esquartejados, inclusive”. Considerando apenas o texto, dito jornalístico, poder-se-ia perguntar por qual inversão semântica corpos assassinados e esquartejados podem ser descritos como “supostos alvos”.

Figura 5

VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - São Paulo – 2018

MATÉRIA 5 – No Brasil, um milhão de indígenas buscam alternativas para sobreviver



Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/no-brasil-um-milhao-de-indigenas-buscam-alternativas-para-sobreviver/>

Nessa matéria, observa-se que no Brasil, há aproximadamente de 1 milhão de indígenas de mais de 250 etnias distintas vivendo em 13,8% do território nacional. Em um cenário de ameaças de violência, riscos de perda de direitos em decorrência da pressão dos latifundiários, mineradoras e usinas, alguns povos indígenas batalham por mais autonomia, buscam trazer, com a comercialização de seus produtos e com o turismo, formas para diminuir a dependência dos recursos cada vez mais insuficientes da Fundação Nacional do Índio (Funai). A população indígena clama por mais estruturas de segurança jurídica para o desenvolvimento e comercialização de seus produtos. Os comandos indígenas têm trabalhado para aumentar a representatividade de índios na política brasileira nas eleições de 2018, em especial no Congresso Nacional. Contudo os desafios são enormes, na biografia do Parlamento brasileiro, o único representante indígena eleito foi Mário Jurunam, em 1982, para a Câmara dos Deputados. Em síntese, a revista apresenta um discurso jornalístico pouco crítico, parece informar apenas uma oportunidade de mercado e a chance remota de participação no contexto político.

Figura 6

MATÉRIA 6 – 2017 foi o ano mais mortal para ambientalistas no mundo



Fonte: Fonte Própria

A matéria 6 evidencia como os ambientalistas são alvo de ataques por suas batalhas em conservação da natureza, dos direitos das aldeias tradicionais e por denunciarem iniquidades no campo. Contudo a violência é crescente, os assassinatos não são as únicas preocupações, como exemplo em um dos ataques mais brutais presenciado no Brasil, indígenas Gamela foram atacados com truculência por fazendeiros no Maranhão, violência que redundou em 22 nativos com graves ferimentos, inclusive, alguns tiveram as mãos decepadas. Como estimativa, verifica-se que seis em cada dez assassinatos registrados em 2017 ocorreram na América Latina. O Brasil foi mais uma vez o país mais mortal em termos absolutos, com 57 assassinatos. No contexto da revista, parece corriqueiro mostrar as perdas humanas como mais um dado estético, mas o problema humanitário vai muito além.

Com o objetivo de amparar a apresentação e análise das matérias acima, tendo como foco a narrativa e o impacto das imagens, agora exibem-se conceitos relacionados à análise de conteúdo. Assim, uma vez que apontadas as correlações entre as estruturas linguísticas ou semânticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados, indica uma leitura do pesquisador responsável pela análise não é, portanto, uma leitura à letra, mas, o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano Bardin, 1977.

Como método é necessário à criação de categorias pautadas ao objeto de pesquisa. As deduções serão obtidas com as categorias responsáveis pela identificação das questões relevantes presentes na substância das mensagens. A análise categorial é uma das técnicas utilizadas para a realização da análise de conteúdo, e, em seu desenvolvimento, desmembra o discurso em categorias.

Neste contexto, a seguir, apresenta-se o estudo que evidencia o uso da metodologia citada para análise e interpretação de um conjunto de dados sobre a análise de conteúdo das quatro matérias mais pertinentes da Revista Exame, no período de julho 2017 a junho de 2018. As quatro matérias selecionadas discutem temáticas relacionadas de como mídia hegemônica brasileira se apropria do imaginário indígena sendo organizadas e representadas por uma legenda demonstrada no Quadro 1, para efeito de análises.

Quadro 1

Legenda das Matérias Selecionadas

NÚMERO DA MATÉRIA	TÍTULO DA MATÉRIA
1	Alemanha e Reino Unido injetam US\$ 135 milhões na Amazônia
2	118 Indígenas foram assassinados no Brasil em 2016
3	PF desmonta esquema de exploração ilegal de madeira no Pará
4	FUNAI e MPF apuram suspeita de assassinato de índios no AM
5	No Brasil, um milhão de indígenas buscam alternativas para sobreviver
6	2017 foi o ano mais mortal para ambientalistas no mundo

Fonte: Fonte Própria

Na análise de conteúdo, como já mencionado, são estabelecidas categorias semânticas que ocorrem por meio da relação entre significantes, tais como palavras, imagens e citações, através do que eles representam. Este critério foi utilizado neste trabalho para interpretar as informações contidas nas matérias selecionadas e, também, na efetivação da análise de conteúdo desenvolvida. Para tanto foram deliberadas duas etapas: a primeira delas com a identificação das quatro matérias mais relevantes já definidas (Quadro 1), que derivam do propósito do artigo, e a segunda etapa na definição das categorias e subcategorias tendo como elemento as “citações” (palavras-chave).

Nesse caminho, as unidades de contexto as palavras e/ou segmentos da mensagem foram utilizados como unidades de compreensão para identificar as palavras-chaves que foram definidas para a categoria. Deste modo, as “citações/palavras-chave” aplicadas em todas as quatro matérias selecionadas, foram: Proteção Indígena / Direitos Humanos; Crimes/ Mortes / Assassinatos; Aspecto Cultural / Social; Preconceito; Território / Floresta Amazônica; Demarcação de Terras; Desmatamento / Exploração Ilegal / Sustentabilidade / Proteção Ambiental / Metas Climáticas; Grupos Internacionais; Reais / Dólares e Pagamentos / Financiamento.

Como representação, abaixo foi criada a tabela (Quadro 2) de frequência de ocorrência da categoria (Palavras-chave/Citações) nas quatro matérias selecionadas.

Quadro 2

Palavras-chave / Citações e frequências.

MATÉRIAS CATEGORIAS / CITAÇÕES	MATÉRIA 1	PART. %	MATÉRIA 2	PART. %	MATÉRIA 3	PART. %	MATÉRIA 4	PART. %	MATÉRIA 5	PART. %	MATÉRIA 6	PART. %	OCORRÊNCIAS EM TODAS AS MATÉRIAS	PART. TOTAL %
PROTEÇÃO INDÍGENA / DIREITOS HUMANOS		-	3	8,82%		-	1	4,00%	3	16,67%		-	7	5,19%
CRIMES / MORTES / ASSASSINATO	1	4,17%	8	23,53%	4	21,05%	6	24,00%	3	16,67%	11	73,33%	33	24,44%
ASPECTO CULTURAL / SOCIAL		-	2	5,88%		-	1	4,00%		-		-	3	2,22%
PRECONCEITO		-	5	14,71%		-	2	8,00%		-		-	7	5,19%
TERRITÓRIO / FLORESTA AMAZÔNICA	3	12,50%	3	8,82%	1	5,26%	4	16,00%	3	16,67%	2	13,33%	16	11,85%
DEMARCAÇÃO DE TERRAS	1	4,17%	7	20,59%		-		-		-		-	8	5,93%
DESMATAMENTO / EXPLORAÇÃO ILEGAL	3	12,50%		-	5	26,32%	6	24,00%	1	5,56%		-	15	11,11%
SUSTENTABILIDADE - PROTEÇÃO AMBIENTAL / METAS CLIMÁTICAS	5	20,83%	2	5,88%	2	10,53%		-	5	27,78%		-	14	10,37%
GRUPOS INTERNACIONAIS		-	4	11,76%	1	5,26%	2	8,00%		-		-	7	5,19%
DINHEIRO / DÓLARES	5	20,83%		-	5	26,32%	3	12,00%		-		-	13	9,63%
PAGAMENTO / FINANCIAMENTO	6	25,00%		-	1	5,26%		-	3	16,67%	2	13,33%	12	8,89%
TOTAL	24	100,00%	34	100,00%	19	100,00%	25	100,00%	18	100,00%	15	100,00%	135	100,00%

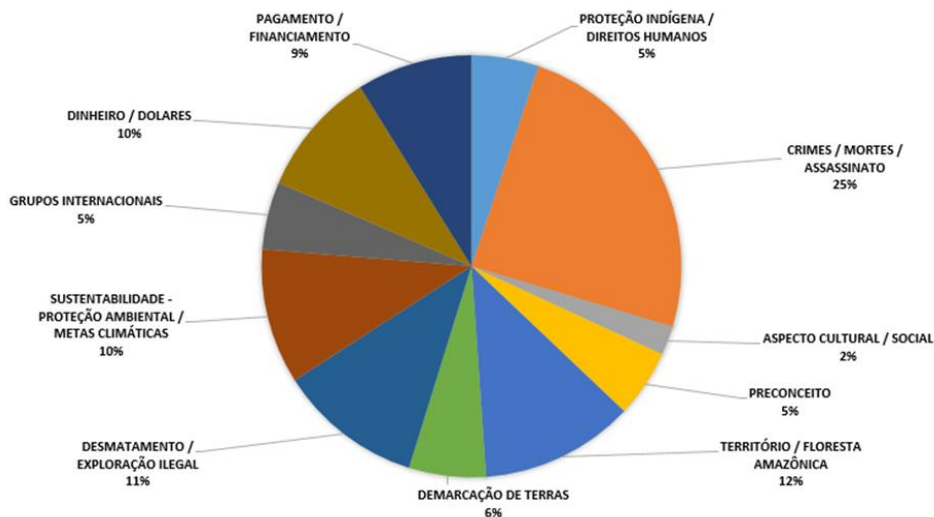
Fonte: Fonte Própria

Como complemento do quadro dois, o quadro três representado abaixo, em forma gráfica, reflete a acuidade das palavras-chave / citações observadas em todas nas quatro

matérias apresentadas no quadro 2, bem como a importância das citações no conjunto para efeito de análise de conteúdo.

Quadro 3

Citações em todas as matérias e frequência %



Fonte: Fonte Própria

Com a relevância das questões advertidas nos quadros dois e três foi detectada a necessidade de aprofundamento das matérias, com o objetivo de apresentar um enfoque mais preciso na análise. Deste modo foram determinadas subcategorias, sendo estas encontradas por meio da categorização das citações e análise de similaridades das palavras-chaves. Também foram consideradas as unidades de contexto que contribuem para a criação das subcategorias, neste sentido as unidades de contexto são os parágrafos ou segmentos da mensagem utilizados também como unidades de compreensão para identificar as palavras que foram definidas como unidades de registro.

Esta metodologia indica a inferência de conhecimentos relativos as matérias e citações, essencialmente declarados no texto, possibilitando conclusões que excedem o conteúdo das matérias do corpus empírico. Deste modo, as subcategorias definidas foram: Humanidade, Sustentabilidade e Finanças apresentadas no quadro quatro abaixo.

Quadro 4

Subcategorias: Humanidades, Sustentabilidade e Finanças

MATÉRIAS CATEGORIAS / CITAÇÕES	OCORRÊNCIAS EM TODAS AS MATÉRIAS	PART. TOTAL %	SUBCATEGORIAS
PROTEÇÃO INDÍGENA / DIREITOS HUMANOS	7	5,19%	HUMANIDADES: 37,0%
CRIMES / MORTES / ASSASSINATO	33	24,44%	
ASPECTO CULTURAL / SOCIAL	3	2,22%	
PRECONCEITO	7	5,19%	
TERRITÓRIO / FLORESTA AMAZÔNICA	16	11,85%	SUSTENTABILIDADE: 39,3%
DEMARCAÇÃO DE TERRAS	8	5,93%	
DESMATAMENTO / EXPLORAÇÃO ILEGAL	15	11,11%	
SUSTENTABILIDADE - PROTEÇÃO AMBIENTAL / METAS CLIMÁTICAS	14	10,37%	
GRUPOS INTERNACIONAIS	7	5,19%	FINANÇAS: 23,7%
DINHEIRO / DOLARES	13	9,63%	
PAGAMENTO / FINANCIAMENTO	12	8,89%	
TOTAL	135	100,00%	

Fonte: Fonte Própria

Com a criação das subcategorias Humanidades, Sustentabilidade e Finanças, expostas no quadro quatro, constata-se que os direitos indígenas não se delimitam apenas no direito à terra. É evidente a necessidade de aprofundar as questões legais, humanas, sociais, culturais e econômicas entre outros, de tal modo a contribuir pela efetivação dos autênticos anseios do povo indígena e, principalmente, na preservação de suas vidas. Vários tipos de violência, preconceito, mortes e, também, crimes ambientais e exploração ilegal foram intensamente citados nas matérias analisadas.

Não obstante, vale ressaltar que em contraponto, foi observado um grande número de citações de caráter mercantil, que tem como base interesses comerciais, lucro e vantagens financeiras. Com base nestas citações, percebe-se que a mídia hegemônica brasileira edifica uma forte invisibilidade do povo indígena. Para melhor entendimento das questões acima argumentadas, se faz necessário uma breve análise das subcategorias definidas.

Através da análise da subcategoria humanidades, pode se constatar um resultado contrário ao próprio conceito de humanidade, uma vez que o desprezo com as referências relativas aos direitos humanos, aspectos sociais/culturais e de proteção foram muito pouco

citados (total de 10 citações). A expressiva participação se deu nas citações de mortes e crimes (19 citações) e preconceito (7 citações). Deste modo, as garantias de segurança, condições humanas de saúde, educação, respeito pela própria cultura, etc. - para os povos indígenas do Brasil são ignoradas, gerando assim espaço para a violência e desmoralização.

Com a apreciação da subcategoria sustentabilidade, percebe-se que esta questão tem sido intensamente difundida na mídia global, como também representada por meio das conferências e declarações de protocolos internacionais. Esta circunstância, em certa medida, esta coagindo o Estado, o mundo corporativo e outras instituições a amoldar-se aos anseios que teoricamente postulam o equilíbrio dos domínios ambientais, ecológicos e econômicos. No entanto, no Brasil, a intitulada gestão sustentável é praticada de maneira frágil e tendenciosa. Observa-se, no quadro seis acima, que a maioria das menções na subcategoria sustentabilidade aponta para as quatorze citações relativas ao desmatamento e exploração ilegal das florestas e terras brasileiras.

A análise da subcategoria financeiro demonstra a real preocupação do Estado e dos grupos financeiros, onde o valor da moeda, seja real ou dólar (13 citações), ocupam um espaço proeminente nas relações com o povo indígena. As terras dos índios são defraudadas e comunidades são exterminadas há décadas em nome dos interesses econômicos de empresas multinacionais e oligarquias locais. Os investimentos estrangeiros na preservação da floresta brasileira, embora aparentemente possam ter aspectos positivos, não respondem as reais necessidades da população indígena brasileira.

Ao analisar a maneira que o povo indígena é representado, nas treze matérias estudadas, e como a mídia hegemônica se apropria do imaginário indígena e constrói uma representação simbólica, percebe-se que esta confere determinada significação segundo seus interesses. Através da análise dessas percebe-se o apagamento das referências indígenas, humanas, culturais, substituídas por uma referência genérica aos territórios, suas valorações, suas posses, seus usos. Estrutura-se aqui uma reflexão em torno do poder simbólico a partir da implantação de formas simbólicas. Segundo Harry Pross,

[...] A segregação social se realiza por meio de marcas, estigmas, escurecimentos, apagamentos e signos similares, que minam a dignidade humana do sujeito ao criar imagens que não guardam relação com o mundo real e que, portanto, o repelem. Mas também a distinção de indivíduos ou grupos particulares se faz mediante certa rotulação (Pross, 1974, p. 105).

Hoje as causas indígenas são praticamente invisíveis frente os interesses das corporações, dos órgãos privados e governamentais, em parceria ou não, usurpados da estrutura comunicacional que se apropriado poder simbólico para o reconstruir, direcionar, buscando dar legitimidade a seus discursos e posicionamentos.

Vicente Romano ⁷ definiu a informação como ferramenta de construção de opiniões e de pessoas. Através da mídia, repetidamente e instantaneamente ficamos sabendo dos acontecimentos da maneira que nos são ditos, recebemos a informação como comentários ou opiniões. “Em todos esses casos a palavra ‘informação’ tem um significado corrente, atual, como algo relacionado com coisas práticas, cujo conhecimento é importante para nós” (Romano, 2004, p. 60, tradução livre). Ou seja, a priori, tendemos a ler aquilo que nos chega simplesmente sob a forma de ‘informação’ como sendo algo isento, exato, completo e desprovido de intenções secundárias. Sob um olhar mais cuidadoso, podemos perceber que a informação nunca é apolítica, e tenderá a representar e reconstruir supostos ‘fatos’ conforme os seus interesses e dos grupos sociais que representa, grupos com os quais tem relacionamentos comerciais e compartilha ideologias.

Nesta análise, determinados aspectos da construção da informação a respeito dos indígenas brasileiros, que, sob o olhar do veículo estudado, têm sido representados com distorções e apagamentos, que por sua vez são operados de forma intencionalmente velada, indireta, não transparente em seus processos, em suas decisões, em suas ideologias.

Acredita-se ter iluminado alguns aspectos desse apagamento, por meio da análise de conteúdo, e desse modo ter contribuído para um aprofundamento da fundamentação a respeito desses processos. Também como, do ponto de vista sócio-político, contribuído para maior clareza e respeito às comunidades e povos indígenas do Brasil.

Jorge Miklos observa como certos grupos sociais, através da mídia desenvolvem um pensamento hegemônico, sendo:

Tornam orgânica a visão de mundo dominante, formulam o pensamento hegemônico, criam e expressam a ideologia do mercado. O conceito de mediatização que não leva em

⁷ Vicente Romano: ROMANO, V. Ecología de la comunicación. Argitaletxe, S.L., 2004.

consideração o contexto que o produziu, defende abertamente o *status quo* das grandes corporações midiáticas, na medida em que faz a apologia às mídias valorizando como positiva ou favorável para a sociedade (Miklos, 2015).

Nesse sentido, a abordagem da Ecologia da Comunicação (Romano 1984) traz uma análise mais ampla evidenciando a importância da cultura, comunicação e as ciências sociais de maneira geral; propondo um diálogo considerando o tempo e espaço para os seres humanos, como também o ambiente natural e coletivo.

A proposta de Pross coloca à manipulação de símbolos na construção de imagens de um grupo social por outro grupo social, onde a eficácia ou capacidade de penetração dos símbolos – isto é, precisamente sua força e seu poder simbólico--, dependerá “da mediação de que se servem, da regularidade de uma mediação reiterada, e ainda da capacidade de adaptação de seus portadores às variáveis configurações sociais” (Pross, 1974, p. 108).

Concluindo a Ecologia parece ser um caminho seguro para a garantia das referências sócio culturais da população indígena brasileira, como também de várias minorias segregadas e até certo ponto invisíveis no Brasil.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BETH, H; PROSS, H. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona, Anthropos, 1987.
- CAPPARELLI, S.; SODRÉ, M.; SQUIRRA, S. **Livro da Compós XII: a Comunicação Revisitada**. Compós, 2004.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- MORAES, D. de. **Comunicação, Hegemonia e Contra - hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre ,v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.
- MIKLOS, J. **“O Sagrado nas Redes Virtuais: a experiência religiosa na era das conexões entre o midiático e o religioso”**. São Paulo: V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – O que Custa o Virtual?, 2015.
- PROSS, H. **A sociedade do protesto**. São Paulo, Annablume, 1997.
- _____. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona, Gustavo Gili, 1980.
- _____. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona, Anthropos, 1983.
- Revista Exame. <<https://exame.abril.com.br/>>. São Paulo, Editora Abril, 2017.